

## Anjo Sujo

Jovino Machado \*

não existe nada mais romântico  
do que o anti-herói que fracassa

no fim do jogo  
no fim da copa  
no fim do livro  
no fim do filme  
no fim da vida  
no fim do fim

garrincha é anjo torto  
best é *gauche* inglês  
edson é judas de pelé  
pelé é deus  
maradona é a mão de deus  
o mais humano dos imortais

gol de mão é um clássico  
driblar é enganar  
gol de mão não é pecado

muralha tentou suicídio  
depois da partida  
entre flamengo e cruzeiro  
no final da copa do brasil  
pulou do lado errado  
e sobreviveu

fazer poema não é contar piada.

\* \* \*

Desde os anos 1980, **Jovino Machado** vem construindo uma das poéticas mais consistentes da cena belo-horizontina, na qual o futebol ocupa lugar recorrente. Sua presença é incontornável quando o tema é esse esporte em chave literária, seja por sua produção em alguns de seus livros de poesia, seja por sua participação destacada em coletâneas, como *Pelada*



*poética*, publicadas pela Editora Scriptum em 2006, 2010, 2013 e 2014, coorganizadas por Mário Alex Rosa.

No inédito “Anjo Sujo”, o poeta aborda figuras ambíguas do futebol — ídolos, anti-heróis, santos tortos e deuses falíveis — para tensionar mitologias consagradas e expor o fracasso, a transgressão e a imperfeição como elementos constitutivos do jogo. Garrincha, Best, Pelé, Maradona e personagens menos celebrados surgem como encarnações de uma humanidade contraditória, na qual o erro não é exceção, mas regra.

Ao afirmar que “gol de mão é um clássico” e que “fazer poema não é contar piada”, o texto recusa tanto a moralização quanto a anedota fácil. O futebol aparece, assim, como matéria estética e existencial, capaz de condensar dramas éticos, afetivos e simbólicos que extrapolam o campo de jogo e se projetam sobre a vida, a memória e a própria condição humana.

\* **Jovino Machado** é mineiro, nascido em Formiga em 1963, criado em Montes Claros, já morou em Itabira e é radicado em Belo Horizonte, onde se formou em Letras pela UFMG. Publicou *Só poesias* (1981), *Uma mordida para cada língua* (1985), *Deselegância discreta* (1993), *Trint’anos proust’anos* (1995), *Samba* (1999), *Balacobaco* (2002), *Fratura exposta* (2005), *Cor de cadáver* (2009), *Cantigas de amor & maldizer* (2013), *Sobras completas* (2015) e *A trilogia do álcool e outros poemas* (2020).

Fotografia: Fábio Cançado.